

## FERRO RODRIGUES

O ministro mais popular dos governos socialistas é um homem perseverante. Devolver o poder e a confiança aos socialistas é a sua espinhosa missão



## FERRO RODRIGUES

# O senhor das pontes

O «pai» do Rendimento Mínimo tem paixões que extravasam a política: a família, o Sporting e a praia de Monte Gordo. A história do economista que adora tentar conciliar sampaístas e guterristas

ALEXANDRA CORREIA

Jão Soares diz que a candidatura de Ferro Rodrigues a secretário-geral é a garantia de que o PS «se assumirá como um partido de esquerda». Pina Moura, ex-ministro das Finanças, assegura estar convicto de que o candidato «continuará e renovará» o projecto da Nova Maioria. Adverte António Guterres que Ferro Rodrigues não poderá dispensar o centro político, se quiser ganhar as legislativas. Enquanto os «pesos pesados» vão puxando a brasa à sua sardinha, o quase certo novo líder socialista pede a maioria absoluta nas legislativas de Março, mas envia, ao mesmo tempo, sinais de abertura ao PCP e ao PP.

Se o passado de Eduardo Luís Barreto

Ferro Rodrigues poderia fazer adivinhar uma viragem à esquerda para o PS, a sua mais recente postura política deixa tudo em aberto. Ele é um sampaísta convicto, que, na passagem pelo Governo, se mostrou leal a António Guterres. Ao ponto de ir em seu socorro, aceitando, numa época de grandes dificuldades - como foi a da demissão de Jorge Coelho, na sequência da queda da ponte de Entre-Os-Rios - ser ministro do Equipamento Social.

«Naquela espécie de cisão entre sampaístas e guterristas, fiz sempre um bocado a ponte, nunca perdi essa ligação. Mas, passados estes quatro anos, conheço-o [a Guterres] melhor e reconheço-lhe capacidades de estadista, de liderança e de coordenação», disse à VISÃO, numa entrevista, em Maio de 1999. Essa habilidade pa-

ra «fazer a ponte», para manter os laços de lealdade acima das tricas da política do dia-a-dia, permitiu a Ferro tornar-se num nome consensual entre todas as «famílias» socialistas, no momento da sucessão de António Guterres. Mas, como muitos reconhecem, os tempos que se aproximam vão exigir-lhe uma maior clarificação de opiniões. «Quem aceita este cargo, tem de estar preparado para fazer rupturas com o aparelho, senão o projecto é um nado-morto», avisa um dirigente socialista, ligado aos sampaístas.

## Línguas de bacalhau

Lisboeta, nascido em 1949, era conhecido por «Contínflas», no Liceu Francês, e, mais tarde, por «Fefé», no ISCEF (Instituto Superior de Ciências Económicas e Fi-



LUIS BARRA

## Vitorino, o desejado

Vitorino era o dirigente que ocupava um lugar maior no coração dos socialistas como futuro líder do partido. Pelo menos, à partida, já que os dados acabaram de ser recolhidos em 27 de Dezembro, o dia em que se soube que Gama desistira e Ferro Rodrigues avançava. Vitorino conseguia a prova única de ser aceite, em doses quase iguais, no eleitorado do PS, PSD e PCP. Gama era bem visto à direita sobretudo na «extrema», o PP, e Ferro Rodrigues no PCP.

VALORES EM %	Quem deve ser líder do PS?	E qual o melhor candidato a primeiro-ministro?
António Vitorino	14,1	10,1
Jaime Gama	12,7	11,8
Ferro Rodrigues	8,3	10,3
Jorge Coelho	5,0	6,2
Outros nomes	8,3	8,2
Sem opinião	51,6	53,4

**Sondagem**

**Visão**

**Ficha técnica**  
Objetivo: saber a opinião do PS e da população sobre o futuro do partido e o primeiro-ministro.  
Unidade: 1000 pessoas entrevistadas em 27 de Dezembro de 1974.  
Método: entrevistas pessoais.  
Amostra: nacional, estratificada por sexo, idade, nível de escolaridade e distribuição geográfica.  
Precisão: +/- 2 pontos percentuais.  
Elaboração: SIC/Notícias.  
Realização: SIC/Notícias.

nanceiras), onde se licenciou em Economia. Menino tímido, que «dispensava das orais para evitar ter de enfrentar os professores», ganhou «calo» na política como dirigente estudantil, o que lhe valeu uma ficha na PIDE. No primeiro de Maio de 1973, o cabeludo Ferro queria levar quatro amigos à manifestação. Apanhados pela polícia política no Rossio, garantiram que estavam ali para comprar línguas de bacalhau. Apesar de manter a história até ao fim, «Fefé» não se livrou de passar 12 dias em Caxias, com saudades da liberdade que sentia quando ia de férias a Paris ou a Londres, ou quando, no final dos anos 60, fingia a censura, no programa *Crítério*, a sua experiência radiofónica no Rádio Clube Português, onde gostava de pôr no ar autores como Manuel Freire.

Quando Francisco Louçã entrou no ISCEF, já Ferro tinha terminado o curso, mas o dirigente do Bloco de Esquerda lembra-se bem de que o «Fefé» era ainda bastante popular, devido à sua actividade nas lutas académicas. Hoje, Louçã tem uma ideia bem diferente do antigo admirador de Che Guevara. «O seu trajecto político tem sido de grande acomodação ao poder. É o candidato para o mesmo projecto, independentemente do seu passado. Até porque o PS está com uma atitude de

quem escolhe o candidato para a derrota», diz. Louçã não tem fé na viragem do PS à esquerda: «Depois do primeiro orçamento limiano, Ferro defendeu alianças à esquerda, mas acabou por não se opôr à aprovação do segundo, nas mesmas condições.»

Direita ou esquerda, queijos ou línguas de bacalhau, a incógnita mantém-se. Vera Jardim, também ele sampaísta e amigo de Ferro Rodrigues há mais de 20 anos, desvenda um pouco do mistério. «Como eu, ele bateu-se a favor do Jorge Sampaio. Depois, apoiámos a vitória do António Guterres, reconhecendo a sua liderança. O percurso do Ferro, nos últimos anos, é de lealdade a Guterres, mas tem uma formação mais à esquerda, até pela participação no MES [Movimento de Esquerda Socialista]. Com a sua sensatez, ele é levado a concluir que no PS, hoje, não são as ideo-

logias que contam, mas as respostas claras que se dão ao eleitorado para resolver os seus problemas», sublinha.

O MES foi um movimento que, ao romper o 25 de Abril, já existia e se procurava situar como uma terceira via, entre o PCP e o PS. Por poucos votos não teve representação parlamentar na Assembleia Constituinte e primeira legislativa. No Congresso de Dezembro de 1974 verifica-se a ruptura. Jorge Sampaio, João Cravinho, Nuno Brederode Santos e o já falecido historiador César de Oliveira, entre outros, batem com a porta, inconformados com o radicalismo que o MES assumia. Mas Ferro Rodrigues é um daqueles que permanecem. Anos mais tarde, Sampaio funda o Grupo de Intervenção Socialista (GIS), que acaba por se vir a integrar no PS, após uma longa negociação. E também Ferro Rodrigues ingressa na «família socialista» em 1983. Como das divergências de 1974 não tinham ficado cicatrizes fundas, nem «ponte» foi precisa... Em breve, Ferro Rodrigues era catalogado, pelos analistas, como um «sampaísta».

## Desta água beberei

Está visto qual vai ser a discussão interna entre os socialistas, nos próximos tempos, mesmo que ela seja suspensa com a urgência do calendário eleitoral: conseguirá Ferro Rodrigues continuar a fazer pontes para unir as diversas famílias do PS? Um familiar de Ferro garante que o candidato é bem capaz de saber «bater o pé». E nota: «Toma até atitudes impopulares quando se trata de seguir convicções.»

Paulo Penedos, o advogado de Coimbra que é também candidato a secretário-geral, acusa-o, no entanto, de ter «uma postura ziguezagueante», no que diz respeito a futuras coligações.



MARCOS BORGIA

**RITA FERRO RODRIGUES**

A antiga apresentadora do *Caderno Diário* é agora jornalista da SIC/Notícias





## Coimbra é uma lição

**A**o contrário da opinião comum dos comentadores e analistas políticos, não penso que o desaire eleitoral do PS se deva ao mau desempenho do Governo socialista ou signifique uma viragem do País à direita. O desempenho foi efectivamente mau mas os resultados não atingiram ainda significativamente a bolsa dos portugueses e enquanto tal não ocorrer não haverá inflexões profundas nas lealdades eleitorais. O facto de se agravar o problema orçamental, de Portugal ser o país menos competitivo da Europa ou de Portugal ser, na opinião de todos os relatórios mais recentes, o país europeu com perspectivas mais sombrias a médio prazo, nada disso, em meu entender, abalará profundamente o espectro eleitoral português enquanto se mantiver muito baixa a taxa de desemprego, a estabilidade da segurança social for garantida

(um dos poucos bons desempenhos do Governo socialista) e não houver cortes dramáticos na despesa pública. Isto é assim num país onde as lealdades eleitorais dos cidadãos são muito mais rígidas que as dos comentadores políticos. Talvez por sermos um país com uma taxa de leitura de imprensa muito baixa. Talvez porque a quem lê ou ouve repugnem os excessos de linguagem tão frequentes nas análises. Talvez porque quem tem de fazer contas à vida sabe que deve manter uma distância saudável em relação a quem faz contas às palavras para ganhar a vida. Talvez porque, para os portugueses, a política seja sobretudo uma questão ética, de honra, lealdade e de respeito pela palavra dada, ou seja, de actuação segundo critérios que queremos ver respeitados nos nossos círculos mais próximos, o familiar ou o profissional.

Esta última conjectura explica melhor que qualquer outra os resultados eleitorais do último domingo.

E se assim for, o comportamento eleitoral significou muito mais a rejeição de pessoas e de actuações políticas do que mudanças de opção política. Neste caso, o que falhou a nível nacional não foi o Governo PS, mas a máquina partidária, aparelhística até à asfixia, ensandecida num circuito fechado de nepotismo e de revanchismo, para quem os cidadãos e os seus sentimentos são uma presença descartável, se não mesmo perigosa.

Se isto foi verdade em geral, em nenhuma cidade o foi mais do que em Coimbra. Depois de um começo promissor, há 12 anos, o governo municipal transformou-se a pouco e pouco numa mistura corrosiva de mediocridade, arrogância, isolamento, desistência e promiscuidade com interesses da construção civil. Uma a uma foram quebradas as promessas e frustradas as legítimas expectativas

“ Não há viragem à direita; há apelo à ética na política ”

de uma cidade que tem tanto um passado como um futuro a defender. Gradualmente, a cidade foi esvaziada economicamente para ser entregue a uma especulação imobiliária desenfreada, o seu património urbano sujeito a grande degradação. A cidade, que nunca perdeu a sua auto-estima, mobilizou-se para criar mecanismos de democracia participativa, mas a oferta leal de participação chocou com um muro de auto-suficiência autística. O último mandato terminou com o pesadelo da cidade entregue à co-incineração e o circo de desculpas malabaristas, mal disfarçando a palavra desonrada. No último domingo, ante uma máquina partidária que pensava que tudo isto podia ser feito impunemente, a cidade disse: basta!

Analisadas em detalhe, as eleições revelarão que houve muito mais coimbras no País, embora nenhuma capaz de dar uma lição tão eloquente.

### ► O SENHOR DA PONTES

Ziguezagueante não o foi quando, ao falar à VISÃO, em Abril passado, defendeu uma viabilização dos orçamentos à esquerda. E na mesma altura só lhe faltou falar do «pântano», para antecipar o discurso de Guterres, na noite da derrota eleitoral autárquica: «Eleições antecipadas são o melhor dos males. Do ponto de vista prático, pode ser melhor que uma solução de arrastamento, com crises permanentes e com uma desconfiança sobre a situação do País e a viabilidade do Governo.» Depois, interrogado sobre se ambicionava ser líder do PS, foi igualmente certo na resposta: «Não vejo nenhum motivo para poder, desde já, dizer que desta água não beberei.»

### O pai de Rita

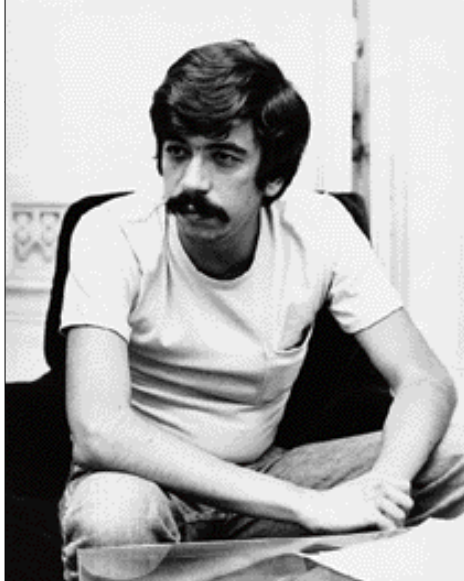
A ambição é uma característica sua, mas sem ser desmedida, realçam os amigos. «Ele gosta da política, seria, portanto, natural que tivesse as suas ambições», afiança Vera Jardim. Perseverante, lúcido, lutador, bom amigo e... sportinguista. Estas são as qualidades que Vera Jardim lhe reconhece. Bom companheiro de conversas e de humor, amante do futebol, Ferro Rodrigues terá menos tempo para o que mais gosta de fazer: estar com os filhos, os gémeos Rita (a conhecida apresentadora de televisão) e João (economista, a tirar o mestrado em Boston). Rita Ferro Rodrigues, 25 anos, iniciou a sua carreira televisiva na RTP, como apresentadora do Caderno Diário. Mais tarde deu a cara em A Ferro e Fogo, ainda na televisão estatal. Mas, com o nascimento da SIC Notícias, Rita decidiu ser jornalista a tempo inteiro, fazendo parte dos quadros dessa estação.

Rita Ferro é uma figura muito conhecida da chamada «Imprensa côr-de-rosa». Nos primeiros tempos ficou célebre como namorada do futebolista Dani, que jogava no Sporting e actualmente actua no Atlético de Madrid, líder da 2.ª Divisão de Espanha; posteriormente, namorou com Pedro Lima, actor de telenovelas, com quem recentemente acabou o «romance».

A família Ferro Rodrigues (a mulher do ministro chama-se Filomena) tem anualmente uma fidelidade absoluta à sua praia de eleição: Monte Gordo. Em férias e fins-de-semana é também comum juntarem-se numa casa arrendada em Almoçageme.

### Resistente e popular

Se o seu rosto foi visto associado ao MES no pós-25 de Abril - movimento que



## DO MES AO PS

Em 1986, Ferro Rodrigues já fazia parte do Gabinete-Sombra do PS (Na foto da direita, com António Guterres)

ajudou a fundar, com Jorge Sampaio -, em 1983 a sua imagem já era de apelo ao voto nos socialistas. Pouco depois, torna-se deputado. Ministro-sombra do PS para a Solidariedade e Segurança Social, ocupa efectivamente o cargo, com a eleição de Guterres para primeiro-ministro, em 1995.

Mesmo como governante, Ferro continua a ser um político discreto. Só que a notoriedade não mais o largou, desde que criou o Rendimento Mínimo Garantido (RMG). É um dos poucos resistentes dos dois Governos PS. E sempre disputou,

com Jaime Gama, o topo da escala de popularidade dos ministros. Mas não está isento de críticas. «O RMG resolveu alguns problemas, mas funcionou no âmbito de uma certa anarquia», acusa o social-democrata Isaltino Morais.

Ferro soma e segue. Em 1997, com a saída de Maria João Rodrigues, passa a acumular a pasta do Trabalho. Em Março deste ano, recebeu o Equipamento Social, após a demissão de Jorge Coelho. Isaltino, que, no Governo sombra do PSD tem esta pasta, não lhe concede grandes créditos.

«Chegou com a aura de ministro eficiente e rigoroso. Como os seus antecessores socialistas neste ministério, apregoeou grandes obras e nada fez. Foram sempre mais as vozes do que as nozes e Ferro não alterou isso. Esperava-se mais dele», critica.

Isaltino Morais não espera grandes novidades, com Ferro Rodrigues a liderar os socialistas. «Não há viragem que salve o PS», vaticina. Será Ferro – essa mistura de «consciência social preocupada com a competitividade empresarial, como referiu Guterres – o senhor que se segue? ■